

# *Criança morta e Retirantes, refletindo sobre a questão ambiental no semiárido nordestino*

*“Dead Child” and “Retirantes”: reflecting on environmental issues in the semi-arid northeastern region of Brazil*

Maurecir Guimarães Moraes\*

O artigo apresentado procura, através da Arte de Portinari, via quadros; Criança morta e Retirantes, tecer algumas considerações sobre a questão da seca no nordeste, procura mostrar que a obra de arte muitas vezes chama a atenção para assuntos que ainda não estão totalmente inseridos em sua própria época, demonstrando que o seu papel não é meramente ilustrativo. No caso específico, das obras apresentadas possibilitam a discussão sobre os impactos ambientais produzidos por um fenômeno natural e por aqueles produzidos pela ação humana na tentativa de corrigir um problema natural. Neste sentido, a Arte aparece como uma ferramenta poderosa para despertar a consciência ambiental pela Educação.

*Palavras-chave:* Portinari. Seca. Arte. Educação ambiental.

*Based on Portinari's paintings “Dead Child” and “Retirantes”, this paper presents some considerations on drought conditions in the Brazilian Northeast. The study discusses the idea that works of art often draw attention to issues that are not yet fully embedded in their own time, which demonstrates that their role is not purely illustrative. In the specific case of the works presented here, they allow for discussion on environmental impacts produced by natural phenomena and those produced by human action as an attempt to correct natural problems. Thus, art emerges as a powerful educational tool to raise environmental awareness.*

*Key words:* Portinari. Drought. Art. Environmental education.

## *Introdução*

A obra de arte nunca é um objeto independente, fora da realidade humana segundo Aristóteles, o homem é a criatura mais imitativa do mundo e a imitação é fonte de grande prazer, pois o leva a aprender (TELLES, 1980). Realmente, não podemos negar que a imitação está na natureza humana, fato que pode ser observado na criança que constrói sua linguagem e interage com o mundo pela mimesis (mímica). A obra de arte, no entanto, não está restrita a uma reprodução mecânica da realidade, ou seja, quando um artista procura retratar uma paisagem ou qualquer outra coisa, por mais que tente buscar um realismo fotográfico, ainda assim estará impressa ali a visão de um sujeito inserido num contexto histórico. Para Baudelaire, o Belo é constituído por um

\* Professor de arte do Instituto Federal Fluminense *campus* Cabo Frio. Mestrando em sistemas de Gestão na Universidade Federal Fluminense - Prof. orientador Dr. Armando Pereira do Nascimento Filho

elemento eterno e por outro relativo, variável, sujeito à moral e à paixão de sua época (BAUDELAIRE,2002, p. 11).

As maiores obras de Arte abrem mão do ilusionismo enganador de um mundo estético autônomo e chamam a atenção para um ponto além delas próprias. Estão em relação imediata com os problemas de sua época. (HAUSER,1972).

A obra autêntica está radicalmente presa ao momento em que nasce; exatamente porque se consome na atualidade é que se pode deter o fluxo regular das trivialidades, romper a normalidade e saciar, por um momento, o momento da efêmera fusão do eterno com o atual, o imortal anseio de beleza (HABERMAS, 1998, p.21).

A imagem, seja ela fotográfica ou plástica, impõe uma interação com o espectador. Descobrimos o significado, mas também lhe doamos outros signos. “O signo é uma coisa que representa uma outra coisa, seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele” (SANTAELA,1996, p.58). Segundo Francastel (1993), deu-se uma ênfase exagerada ao texto escrito na formação geral das gerações recentes, o que nos levou a uma crise, pois o homem não só vive pelas palavras, mas também pelos olhos e ouvidos. Nós dependemos da visão para grande parte da comunicação humana. O repertório sótico construído por Portinari, nas obras analisadas aqui, expressa sua angústia e indignação face ao fenômeno da seca no nordeste brasileiro suas consequências para as famílias que vivem ali. Podemos dizer que o assunto é abordado pelo artista de uma forma um tanto visionária já que foi pintado em 1945 e, apesar de apresentar um discurso social, revela o impacto ambiental sobre o social, e estes assuntos não estavam na ordem do dia na década de quarenta no Brasil. “O poeta é o descobridor da experiência; através dele, outros aprendem a reconhecê-la como experiência também sua” (FISCHER, 1967, p.193). O olhar do homem sobre um signo estará sujeito a sua própria sensibilidade, originalidade, ou seja, sua própria individualidade. Segundo Sartre, a compreensão do objeto artístico se dá por um processo de “desrealização” em que o espectador imagina bem mais do que percebe.

O objeto de arte como todo outro produto cria um público apto para compreender a arte. A produção não produz, pois, somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto. MARX (apud AMARAL 1987,p.39)

## *A arte na sociedade em Portinari*

Filho de imigrantes italianos, seus pais vieram da Itália no final do século XIX. Candinho, como era chamado, passou a sua infância em Brodósqui, convivendo com pessoas simples, trabalhadores da lavoura de café, panorama que influenciou toda sua obra. Portinari foi aluno da Escola Nacional de Belas Artes, onde aprendeu os cânones clássicos da pintura acadêmica, baseada na reprodução de modelos da antiguidade clássica. Em 1928, ganhou um prêmio de viagem ao exterior permanecendo durante dois anos na Europa. Da França escreve carta ao amigo Olegário Mariano: “[...] Não tive ainda vontade de começar a trabalhar. Cada vez acredito mais nos antigos. Entretanto, há muitos modernos esplêndidos. Infelizmente, nós aí copiamos o que eles têm de mau” (PORTINARI, 1929). Ainda na Europa, Portinari escreve para uma amiga revelando os primeiros sintomas da formação de um pintor social.

Aí no Brasil eu nunca pensei no Palaninho (...). Daqui fiquei vendo melhor a minha terra fiquei vendo Brodósqui como ela é. Aqui não tenho vontade de fazer nada. Vou pintar o Palaninho, vou pintar aquela gente com aquela roupa e com aquela cor. (PORTINARI, 1929).

Em janeiro de 1931 retornou ao Brasil, fixando residência em Brodósqui. Sua obra inicialmente revela fortes influências do cubismo de Pablo Picasso, estilo que fragmenta o objeto e rompe com a perspectiva tradicional, reorganizando o espaço, permitindo que a forma seja construída pelo autor, que reúne diversos ângulos de visão num mesmo objeto. Para José Luiz do Amaral, o estilo cubista é quase uma aplicação poética da teoria da relatividade, já que um mesmo objeto é visto num mesmo instante sob vários aspectos, relativizando assim o olhar do observador. O cubismo reflete também uma sociedade fragmentada do pós-guerra, e para o seu autor principal, Pablo Picasso, era um instrumento de resistência. “A pintura não foi feita para decorar as habitações. É um instrumento de guerra ofensiva e defensiva contra o inimigo” (PICASSO, s.d.).

A série bíblica pintada na década de quarenta recebeu influências claras da obra “Guernica”, do pintor espanhol, obra que de fato o influenciou, mas, segundo Annateresa Fabris, Portinari a partir desse momento criou o que ela chama de “Expressionismo Cubista”. O artista recebeu fortes críticas tendo sido acusado de praticar uma estética fascista, e de ser um radical de esquerda, pois havia se filiado ao Partido Comunista, ou mesmo de apenas reinterpretar o cubismo. Tal influência é vista com naturalidade por outros críticos, mas ele reage escrevendo: “A arte brasileira só haverá quando os nossos artistas abandonarem completamente as tradições inúteis e se entregarem, com toda a alma, a interpretação de nosso meio”. (PORTINARI, 1926) Drummond em carta ao amigo refere-se à sua obra como a nossa expressão mais universal. Sentia-se explicado

através de suas pinturas e ainda que permanecesse ignorado, nos salvaria para o futuro. Candido Portinari se julgava um mensageiro do povo, um pintor social.

Todo artista que pense sobre os assuntos que incomodam o mundo, chegará a conclusão de que fazendo seu quadro legível, sua arte, ganhará muito mais, porque receberá o apoio do povo. Os artistas que pensam em si próprios são os que mais sofrem, mas infelizmente é um sofrimento que não leva a nada, e não ajuda a ninguém. (PORTINARI, 1962).

As características particulares que marcam seu trabalho, onde identificamos a brasilidade que o tornou conhecido internacionalmente, são: corpos humanos sugerindo volume, pés enormes que fazem com que as figuras pareçam se relacionar intimamente com a terra, influências de uma infância de lavrador, e terra de tons avermelhados. Portinari foi o primeiro artista brasileiro moderno a ser premiado no exterior. Ao morrer, em 1962 deixou obras em museus da Europa e da América.

### *Arte e educação ambiental*

Segundo Leff, a crise ambiental em vigor nos leva a questionar o modelo de civilização praticados até então. A exploração da natureza pelo conhecimento e pela submissão às culturas nos levaram ao panorama ambiental atual. “Não é possível encarar o problema do desenvolvimento sustentável sem uma mudança radical nos sistemas de conhecimento” (LEFF, 2001). O saber ambiental ficou excluído do processo dos saberes não-científicos. Atualmente tratado no ambiente escolar, como tema transversal, o que questiona Luzzi (2001) acreditando que a educação deve ser filosoficamente ambiental, onde o assunto se incorpore a todas as práticas educativas e não esteja restrita a uma abordagem temática, pois a questão ambiental é por natureza multidisciplinar. A fragmentação do saber produziu a especialização, mas dividiu o conhecimento em compartimentos que não interagem entre si, principalmente na escola.

A Arte em sua linguagem visual frequenta hoje boa parte dos livros didáticos. É comum vermos em livros de Geografia, História, Ciências e Matemática obras artísticas que aparecem muitas vezes não só como elementos ilustrativos, mas com propostas de dinâmicas interativas, possibilitando a melhor absorção de conhecimentos. Ao mesmo, tempo tem sido utilizada como fator de redenção das classes mais desfavorecidas, com o intuito de retirar das ruas adolescentes, alvos fáceis da marginalidade, vide grupos como Afroreggae, Timbalada e muitos outros. O mundo do trabalho também mudou bastante com o auxílio das tecnologias. “As tarefas puramente físicas são substituídas por tarefas de produção mais intelectual mais mentais, como o comando de máquinas, a sua manutenção e vigilância” (DELORS, 1999). Isso tem demarcado um tipo de

profissional bem mais amplo, já que o saber conviver, e o saber ser são esferas referendadas pela cultura. É preciso conhecer as culturas alheias para haver tolerância e respeito às diferenças. Neste aspecto, a Arte se insere e pode contribuir muito na formação do indivíduo criativo, reflexivo e interativo.

As linguagens artísticas estão presentes na vida humana, antes mesmo da construção dos códigos linguísticos complexos. O ser humano já deixava registrada, nas paredes das cavernas onde habitava, a sua impressão sobre o mundo, atribuindo valores mágicos a esse ato. Todas as civilizações produziram Arte e Ciência. Para o semioticista americano Charles Sanders Peirce, o impulso estético no ser humano é inato e fator determinante nas suas escolhas e tomadas de decisões, portanto, a dimensão artística é fundamental para o tratamento da questão ambiental.

O desejo do homem de desenvolver e completar indica que ele é mais do que um indivíduo. Sente que só pode atingir a plenitude quando se apoderar das experiências alheias que potencialmente lhe concernem, que poderiam ser dele. E o que o homem sente como potencialmente seu inclui tudo aquilo de que a humanidade, como um todo é capaz. A Arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias. (FISCHER, 1967).

### *Criança morta, Retirantes e meio ambiente*



Figura 1 - PORTINARI, Cândido. Criança morta. Óleo sobre tela. 190 x180cm.

Fonte: <http://www.portinari.org.br>. Acesso em: 20 ago. 2011



Figura 2 - PORTINARI, Cândido. Retirantes. Óleo sobre tela. 190 x180cm.

Fonte: <http://www.portinari.org.br>. Acesso em: 20 ago. 2011

A série de quadros pintados por Cândido Portinari - Óleo sobre tela na legenda denominada “Retirantes” nos mostra o fenômeno do êxodo rural nordestino provocado pela seca. Uma das obras, elaborada na década de quarenta, apresenta uma família inteira que se coloca em posição de retirada. O discurso visual expressionista antropofágico do artista revela seres disformes, pés descalços, crianças com barrigas enormes e tonalidades de pele que se confundem com a terra ressequida ao redor. A feiura é elevada à condição de belo, pois revela o humano e seus flagelos. Este problema tratado desde o começo do século XIX ainda não foi solucionado até os dias de hoje e, diga-se de passagem, que soluções questionáveis, como a transposição do rio São Francisco, estão em curso.

O conteúdo trágico das obras “Criança morta” e “Retirantes” leva-nos a traçar paralelos com a dramaticidade da tragédia grega, gênero teatral e literário que expressa o conflito entre a vontade humana e os desígnios do destino. A articulação entre mito e razão são evidentes no estilo. “Tragédia” significa o canto do bode, evoca segundo Aristóteles a origem do teatro grego em Dionísio, o deus da transformação, do ciclo da vida.

...Enquanto a minha vaquinha tiver o couro e o osso e puder com o chocalho pendurado no pescoço, eu vou ficando por aqui. Que Deus do céu me ajude quem sai da terra natal em outros cantos não para. Só deixo o meu Cariri no último pau de arara... (VENÂNCIO; CORUMBA; GUIMARÃES. *O último pau de arara*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/ze-ramalho/ultimo-pau-de-arara-2.html#ixzz1dIovklUk>>).

Retirar-se é opção limite de quem lida com situações constrangedoras, relacionamentos infelizes ou no caso específico do discurso visual apresentado por Portinari nos quadros “Criança morta” e “Retirantes”. É a última opção de quem lida com calamidades naturais, inundações, estiagem e seca. A seca no nordeste, de que se ouve falar desde muito tempo, é um problema muito mais social e político do que meteorológico. Em outras regiões do planeta onde chove muito menos do que no

nordeste brasileiro, como Israel e Califórnia, não observamos flagelados da seca, que somam mais de 40 milhões de famintos. A comissão pastoral da terra chega a classificar a injustiça social no tocante à seca no Brasil como genocídio, uma verdadeira vergonha nacional. Perpetuando-se pela falta de investimentos e políticas justas. O problema no nordeste, caracterizado por um fenômeno, o natural, é acentuado pela ação humana nefasta, com métodos inadequados de agricultura, queimadas, desmatamentos e excessiva exploração das águas subterrâneas. Visando minimizar os impactos decorrentes são, via de regra, empregadas medidas emergenciais de combate à fome e à escassez de água (LI; MaAKARAU, 1994).

A criança morreu! Vítima da inanição, da terra improdutiva, desertificada pela falta de água. Segundo Sobrinho (1982, p.8), quando o sertanejo consegue escapar precariamente da seca, migrando para os grandes centros, tem sua família reduzida, com a morte de seus filhos, devido à precariedade das condições de retirada. Força-se assim o êxodo, como aparece no texto bíblico, que narra a saída dos israelitas que estavam sob domínio dos egípcios. Tal saída foi precedida por uma série de calamidades conhecidas como as dez pragas do Egito. Nessa construção mítica aparecem as intempéries naturais mais temidas pelo homem, desde que se tornou agricultor, fixou residência e construiu povoados em torno de plantações: rãs, gafanhotos, piolhos, moscas, peste nos animais, chuva torrencial e escuridão etc. No entanto, os israelenses só saíram do Egito quando se deu a última praga, a morte dos primogênitos. Morre o menino do faraó, considerado a própria encarnação da divindade e, como na obra Criança morta, revela-se o limite máximo da resistência, dá-se a perplexidade. Suplantar Tãatos que, na mitologia grega, personificava a morte e era representado como um jovem alado portando uma tocha apagada é o sonho humano mais antigo, expresso no mito de Sísifo, considerado o mais astuto de todos os mortais, mestre da malícia e dos truques. Ele recebeu como castigo eterno de Zeus rolar uma enorme pedra de mármore até o cume de uma montanha. Quando já estava alcançando o final de sua empreitada, a pedra rolava insistentemente sempre montanha abaixo até o ponto de partida.

A tarefa de resistir sem água num espaço íngreme, representada pela mulher com o menino morto em seus braços, tentando, quem sabe, vencer a força de Tãatos é “trabalho de Sísifo”. No limite da resistência, dá-se o êxodo, palavra que também serve para designar, na Grécia antiga, o último episódio da tragédia, após o canto de despedida do coro. Com a morte do primogênito, dá-se a retirada, o ancião com o cajado conduz sua numerosa família de agricultores em direção aos grandes centros urbanos, favelizados pelos desertores da seca, onde hoje em dia as crianças também morrem, vítimas das balas perdidas.

A massa de retirantes que se deslocou, em consequência da penúria de alimentos e desesperança de alcançá-los, foi enorme e crescente com o decurso do verão... (SOBRINHO, 1982, p. 17).

## ***Breve histórico da seca***

A exploração do pau Brasil concentrou a ocupação portuguesa no nordeste brasileiro, fato que só mudou com a descoberta do ouro em Minas Gerais, no século XVIII e que representou o início do declínio econômico do nordeste. D. Pedro II criou em 1856 a Comissão Científica de Exploração (CCE), chefiada pelo barão de Capanema, que recomendou a abertura de um canal ligando o rio São Francisco ao rio Jaguaribe (REBOUÇAS, 1997). Soluções assistencialistas são praticadas desde 1721, quando D. João mandou vir de Portugal um navio com comida para distribuição aos flagelados da seca. As soluções com cunho mais científico começaram com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que constituiu uma equipe multidisciplinar para tratar do assunto. O barão de Capanema, chefe da missão, propôs melhoria nas condições de transporte de água e construção de açudes, mas o primeiro açude só foi construído 22 anos após. Começa então a dança das siglas, com a criação de vários organismos que se sucederam para enfrentar o problema: IOCS – Inspetoria de Obras contra as Secas, DNOS – Departamento Nacional de Obras contra as Secas, SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. Algumas dessas iniciativas contribuíram para a melhoria da situação, embora enfrentando problemas técnicos e vez por outra desviando verbas.

Para Sobrinho (1982), a seca no nordeste não é simplesmente um problema de falta de água, mais um problema físico-social e não apenas geográfico. É, portanto, um assunto complexo, que apresenta diversas variáveis, em que a questão cultural é bastante importante, pois denota a capacidade de adaptação do homem ao meio. Para ele o grau de cultura da população e dos dirigentes é fundamental para determinar a forma de enfrentamento e tratamento do problema. Chega a mencionar que as devastações produzidas por uma seca severa, em uma sociedade de cultura inferior, podem causar maiores danos do que aconteceria em uma outra sociedade, considerada por ele, superior. Neste particular, deve-se ressaltar que não existe cultura melhor ou pior, nenhuma cultura é absoluta, soberana; inferior ou superior, como diz Santos, “a alta cultura surge como marca das grandes camadas dominantes da população de uma sociedade” (SANTOS, 1987, p.35). Neste sentido, pode-se pensar na falta de vontade política das camadas dirigentes, que caracterizam o problema como uma sentença natural, justificando assim a cultura da seca com a miséria e os flagelos sociais embutidos. Segundo Rebouças (1997), “... o que mais falta no semiárido nordestino não é água, mas determinado padrão cultural que agregue a eficiência das organizações, públicas e privadas, envolvidas no negócio da água” (REBOUÇAS, 1997, p.11). Os problemas são potencializados pela má gestão dos recursos, quando se estimulam industrializações e urbanizações em áreas de escassez de água, degradando-se mais ainda os poucos mananciais existentes. O problema da seca afeta com gravidade boa parte do território norte americano, com índice de precipitação de chuva igual ao da região

nordeste brasileira ou menor, com uma extensão árida e semiárida maior do que o semiárido nordestino, porém com uma produtividade agrícola infinitamente superior ao polígono das secas brasileiro.

Para tratar o problema da seca no nordeste é necessário observar quatro questões segundo Sobrinho (1982): “o ajustamento do meio físico, ajustamento do homem nordestino ao espaço geográfico, caracterizado como um problema educacional urgente, recrutamento e capacitação de técnicos e preparação política”.

### ***Da representação à integração***

Atualmente o projeto de Integração do Rio São Francisco com as bacias hidrográficas do nordeste setentrional, desenvolvido pelo Ministério da Integração Nacional, apresenta-se como a única alternativa para a seca no nordeste, não se compatibilizando com nenhuma outra solução tecnológica. Pretende-se captar 3,5% da água do rio São Francisco para abastecer as bacias do Jaguaribe, Apodi, Piranhas-açu e Paraíba. Com a intenção de beneficiar uma média de 12 milhões de pessoas que estariam fadadas ao subdesenvolvimento, estabeleceram-se os seguintes objetivos: aumentar a oferta de água, com garantia de atendimento ao semiárido; fornecer água de forma complementar para açudes existentes na região, viabilizando melhor gestão da água; reduzir as diferenças regionais causadas pela oferta desigual dos recursos hídricos entre bacias hidrográficas e populações. Esses objetivos estão delineados no Estudo de Impacto Ambiental (EIA), do Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), porém, segundo Nota Técnica nº 34 p/2005, do Ministério Público (PARANHOS, 2005), não indica quem, como, e de que forma serão beneficiados os supostos sujeitos do projeto.

Desde 1875, por ocasião de uma grande seca na região, quando o poder público teve de intervir contra a escassez de água, já se apontava, como solução para o problema, a transposição de rios, (RIMA, 2011, p.22) com a intenção de compartilhar suas águas com regiões mais afetadas pela seca. O projeto em curso vem na contramão de todos os esforços mundiais em busca do desenvolvimento sustentável. O interesse recente por desenvolvimento limpo, no qual a palavra de ordem é sustentabilidade, já preconizada pelo primeiro ministro norueguês Gro Harlem Brundtland, em 1980 no conselho empresarial mundial, onde afirmou: “satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades” (KRAMER; POTTER, 2006).

A equipe técnica que elaborou o EIA (Estudo de Impacto Ambiental), formada por um consórcio de empresas contratadas, identificou 44 impactos, sendo 23 considerados como de maior relevância. Desses impactos 11 são positivos e 12 negativos (RIMA, 2011, p.75). No entanto, alguns desses impactos, considerados não relevantes pela equipe, podem produzir um maior desequilíbrio ambiental no

futuro, como a aceleração do processo de desertificação em algumas áreas, o risco de redução da biodiversidade das comunidades biológicas aquáticas nativas nas bacias receptoras, o surgimento de espécies daninhas e a proliferação de vetores nocivos ao homem, reforçando uma problemática de saúde pública. São eventos que já são capazes de produzir danos para o futuro e difíceis de serem mensurados, sem mencionar os danos ao patrimônio cultural arqueológico, pois a região do projeto é rica em sítios arqueológicos, localizados principalmente nas áreas de escavação e inundação, e o patrimônio paleontológico no vale dos dinossauros, no município de Souza, considerado o local de maior concentração de pegadas fossilizadas de dinossauros do mundo. Nesses casos, nenhuma medida mitigadora dará conta de resolver os problemas provocados.

### ***Conclusão***

A água no nordeste brasileiro é mais do que um recurso natural, é a motivação de sobrevivência da população e objeto de disputa entre os que detêm o poder e a terra. A seca tem sido tratada como uma anomalia do sistema que precisa ser combatida, e até hoje o problema não foi encarado de forma conjuntural. Exemplos, no mundo, de adaptabilidade e produtividade em regiões desérticas, onde não existem miseráveis como subproduto do habitat, não faltam. O fator diferencial talvez esteja na formação cultural e política de um povo, principalmente na seriedade política para enfrentamento de problemas como este, sem a busca de vantagens pessoais. Observe-se o caso da província de Fukushima, parcialmente destruída por um terremoto de 8,9 pontos na escala Richter, seguido por um tsunami devastador. Foi reconstruída em cinco meses, e ainda devolveram dinheiro para a Cruz Vermelha internacional. Infelizmente no Brasil desvia-se até verba destinada a atenuar situações de calamidade pública. Atualmente o projeto de transposição do rio S. Francisco, tem sido apontado como única alternativa para a resolução do problema da seca no nordeste, fere os princípios atuais de desenvolvimento sustentável, pois produzirá uma série de problemas ambientais que serão irrefreáveis no futuro, tudo isto para atender às necessidades dos grandes latifundiários da região. É duvidoso se realmente a população que vive da agricultura de subsistência será melhor beneficiada, pois essa água terá um alto custo financeiro para a população. De fato os benefícios, sociais e econômicos, se o projeto atingir realmente o que se propõe, são enormes; porém diante dos desastres ambientais, fica a dúvida de que realmente não existam outras alternativas viáveis, menos impactantes.

A Arte, entendida em seu contexto histórico e social, pode contribuir de forma decisiva para a ampliação da consciência crítica nos indivíduos. Vários artistas deixaram registrados em suas imagens verdadeiros relatórios sobre os problemas de sua época. Os trabalhos de Portinari analisados aqui apontam para a problemática da seca no nordeste, e permitem refletir sobre as soluções apontadas. Para o arte educador Louis Porcher

(1982), a educação pela arte não pretende criar no indivíduo um gosto duvidoso por belas artes, mas possibilitar a construção de um cidadão exigente em relação ao espaço em que vive, sensível a toda feiura ou poluição visual e sonora que o cerca. É neste enfoque que ela pretende contribuir para o processo de despertar a consciência crítica nos indivíduos, levando-os a refletir sobre as questões ambientais. O artista aponta para um problema com grande relevância social em sua época ou fora de época, que determinaria problemas maiores no futuro. Não indica caminhos, mas muitas vezes revela o que está ainda na obscuridade.

## ***Referências***

- A VERSATILIDADE de preferências no momento artístico. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 1926.
- AMARAL, José Luiz do. *Artes plásticas significado e contexto*. Porto Alegre: Tchê, 1987. 175 p.
- FABRIS, Annateresa. *Portinari, pintor social*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1977. 230p.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- ALVES, José Jakson Amancio; NASCIMENTO, Sebastiana Santos. Transposição do rio São Francisco: (des)caminhos para o semi-árido do Nordeste brasileiro. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, Paraná, n. 99, ago. 2009.
- BASTIDE, R. *Arte e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1979.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. O pintor da vida moderna. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- DELORS, Jacques et al. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 4ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1999.
- FISHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- GOLDEMBERG, J.; VILLANUEVA, L.D. *Energia, Meio Ambiente & Desenvolvimento*. São Paulo: EDUSP, 2003
- HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1972.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Tradução de Maria Leopoldina de Almeida. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- LEFF, E. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.
- LI, K., A.; MAKARAU. *Drought and Desertification, Reports to the Eleventh Session of the Commission for Climatology*. WCASP-28, WMO, 1994.

PARANHOS, Maria Fernanda. *EIA/RIMA para o licenciamento ambiental do Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional*. Disponível em: <[www.cimi.org.br/pub/publicacoes/1128978479\\_NT34EIARima.doc](http://www.cimi.org.br/pub/publicacoes/1128978479_NT34EIARima.doc)>. Acesso em: 12 nov. 2011.

PICASSO, Pablo. *Erosmemória*. São Paulo: Massao Ohno, s.d.

PORCHER, Louis. *Educação Artística: luxo ou necessidade?*. São Paulo: Summus, 1982.

PORTINARI, Candido. */Carta/ 12 set. 1929 Paris /para/ Olegário Mariano*. Rio de Janeiro (CO-4451).

PORTINARI, Candido. */Carta/ 12 jul.. 1930, Paris /para/ Rosalita Mendes de Almeida*. Rio de Janeiro. (CO-4545).

POTER, Michael E.; KRAMER, Mark R. The link Between Competitive Advantage and Corporate Social Responsibility. *Strategy & Society*, Harvard, p. 1-19, 2006.

REBOUÇAS, Aldo. A história da transposição do rio São Francisco. *Revista Estudos Avançados*, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, n.29, p. 136, 1997.

RIMA. *Relatório de Impactos Ambientais*. Projeto São Francisco. Disponível em <<http://www.ana.gov.br/>>. Acesso em: 18 ago. 2011.

SANTAELLA, Lucia. Por que a semiótica de Peirce também é uma teoria da comunicação. *Comunicação e Linguagens*, Lisboa, v. 29, p. 43-52, 2002.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da Linguagem e Pensamento*. Sonora, Visual, Verbal. Aplicações na Hipermídia. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001. v. 1: 432 p.

SANTOS, Jose Luis dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SOBRINHO, Thomaz Pompeu. *A história das secas século XX*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1982.

SARTRE, Jean Paul. *L imaginaire*. Paris: Gallimard, 1956.

TELLES, Goffredo Junior. *Aristóteles, Arte Retórica e Arte Poética: estudo introdutório*. São Paulo: Tecnoprint S.A.

VENÂNCIO; CORUMBA; GUIMARÃES. *O último pau de arara*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/ze-ramalho/ultimo-pau-de-arara-2.html#ixzz1dIovklUk>>. Acesso em: 2011.

*Artigo recebido em: 2 set. 2011*

*Aceito para publicação em: 20 mar. 2012*